

CORREÇÃO E REPARO INICIADO E LEVADO A CABO PELO OUTRO NA FALA-EM-INTERAÇÃO DE SALA DE AULA: RETOMANDO O DEBATE.

Projeto de Pesquisa: "Reparo, intersubjetividade e controle social: conversa cotidiana e fala-em-interação institucional de sala de aula."

Bolsista: *Andréia Kanitz (CNPq-UFRGS)* / Coautora: *Letícia Ludwig Loder* / Orientador: *Pedro M. Garcez (IL-UFRGS)*

1. A SISTEMÁTICA DO REPARO

A **sistemática de reparo** é recurso central na fala-em-interação, do qual os participantes se valem para **dar conta de problemas de escuta, produção e compreensão** que põem em risco a **intersubjetividade** (a convergência de entendimento comum para a ação conjunta).

4 TRAJETÓRIAS BÁSICAS DE REPARO:

RESULTADO

SELF OUTRO

INICIAÇÃO	SELF	1. Iniciado e levado a cabo pelo SELF	3. Iniciado pelo SELF e levado a cabo pelo OUTRO	Em seqüências de RILCO, o interlocutor → aponta um problema em turno anterior (inicia reparo) e → resolve o problema (leva a cabo o reparo).
	OUTRO	2. Iniciado pelo OUTRO e levado a cabo pelo SELF	4. Iniciado e levado a cabo pelo OUTRO	

2. QUESTIONAMENTO DE MACBETH (2004)

Macbeth (2004) questionou o **pertencimento do REPARO INICIADO E LEVADO A CABO PELO OUTRO**, (doravante RILCO), a esse domínio organizacional.

→ Para se poder apontar um problema

→ e resolver o problema, propondo a sua substituição, realizando, assim, uma correção,

DE ACORDO COM O AUTOR, não haveria um problema de intersubjetividade,

↓

tratando-se, nesse caso, portanto, simplesmente da ação de corrigir o outro, não envolvendo reparo.

CONTUDO, Macbeth se limita ao exame de ocorrências do fenômeno em seqüências interacionais típicas de sala de aula,
– **IRA** – Iniciação-Resposta-Avaliação–, em que **CORREÇÃO É META INTERACIONAL**

3. O RECORTE

Após reanálise de dados em conversa cotidiana (KANITZ, LODER & GARCEZ, 2009),

voltamos nosso interesse ao (re)exame da questão a partir de seqüências de fala-em-interação de sala de aula tidas até recentemente por nós como RILCO.

PORÉM - diferentemente de Macbeth - **focamos em contexto sequencial distinto de IRA.**

↓

OBJETIVO: Verificar se a posição do autor ainda assim se sustentava.

4. RESULTADOS

A reanálise corroborou a posição de Macbeth.

O participante - que apontava um problema e ao mesmo tempo propunha a sua resolução - **não buscava resolver um problema de intersubjetividade, mas sim realizar a ação de corrigir o outro.**

5. O DADO:

- 01 Daniele: sor↑a:
02 (0,6)
03 Daniele: já- já
04 (1,1) PEDIDO DE INFORMAÇÃO
- 05 Daniele: a gente já tá no segundo bime:stre,
06 (1,5)
- 07 Lívia: tri:mestr[e] CORREÇÃO
08 Daniele: [↑é:↓:]
09 (1,1)
- 10 Lívia: si::m [terceiro an]o no segundo trimestre.
11 () : [prim:eiro] RESPOSTA AO PEDIDO DE INFORMAÇÃO
(9 linhas omitidas)
- 21 Daniele: são[três meses,]
22 () : [(° seg]undo°)
23 (0,8)
- 24 Lívia são três meses. ((Lívia balança a cabeça afirmativamente))
25
26 (0,5)
- 27 Lívia: três grupos de três meses.

ANÁLISE:

ANTES DO SURGIMENTO DA CONTROVÉRSIA

O turno de Lívia, na linha 7, havia sido analisado como sendo uma instância de RILCO. Lívia estaria apontando e provendo a resolução de um item problemático por meio de sua substituição, ou seja, **correção**. A participante estaria, assim, orientando-se para um problema de intersubjetividade na interação.

DEPOIS DO SURGIMENTO DA CONTROVÉRSIA

No entanto, **fica evidente que Lívia, na linha 7, ao propor a substituição de bimestre por trimestre, ouviu e compreendeu bem o turno anterior de Daniele, a ponto de conseguir propor a correção e, logo em seguida, na linha 10, produzir a próxima ação relevante** (responder ao pedido de confirmação de informação de Daniele).

Isso nos permite asseverar que não há, de fato, nenhum problema de intersubjetividade em jogo na interação.

6. CONSIDERAÇÕES:

✓ Também para seqüências interacionais de sala de aula em que IRA não ocorre, reparo e correção são domínios organizacionais distintos.

✓ Nossa revisão da questão, portanto, corrobora a posição de Macbeth (2004) de que a ação de corrigir não se realiza mediante reparo. Assim, RILCO não existe.

✓ Acrescentamos nossa asserção de que são três, e não quatro, as trajetórias elementares de reparo.

Referências Bibliográficas:

- Garcez, P. M., & Loder, L. L. (2005). Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. *DELTA*, 21(2), 279-312.
- Hutchby, I. & R. Wooffitt. (1998). *Conversation Analysis. Principles, practices and applications*. Cambridge: Polity Press.
- Kanitz, A.; Loder, L. L. & Garcez, P. M. (2009). Rediscutindo correção e reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na fala-em-interação cotidiana. In *Anais do XXI Salão de Iniciação Científica da UFRGS*. Porto Alegre, UFRGS.
- Levinson, S. (1983) *Pragmatics*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Loder, L. L. & Jung, N. M. (2008). *Fala em interação social: Introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Macbeth, D. H. (2004). The relevance of repair for classroom correction. *Language in Society*, 33, 703-736.
- McHoul, A. (1990). The organization of repair in classroom talk. *Language in Society*, 19, 349-77.